

OBJETIVAÇÃO DO CORPO COMO PRÁTICA DE ENFRENTAMENTO DA MORTE E INCENTIVADOR DO CONSUMO NA CONTEMPORANEIDADE

MARQUES, Rosemeire da Silva

Mestranda do PPG em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO - da Universidade Federal de Mato Grosso. Contato: rosemeire.marques@ibest.com.br

ABONIZIO, Juliana

Professora doutora do Departamento de Sociologia e Ciência Política da UFMT e Docente do PPG Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO – da Universidade Federal de Mato Grosso. Contato: abonizio.juliana@gmail.com

RESUMO: O corpo na medida em que se mostra frágil ao tempo e à doença está sendo percebido como um objeto que deve ser manipulável para se fortalecer e tornar-se mais resistente às fatalidades. Para mantê-lo por mais tempo possível e em boas condições, utiliza-se de todos os métodos que a ciência e a tecnologia podem proporcionar desde ingestão de vitaminas até as cirurgias plásticas. Essas práticas transformaram o corpo em um incentivador do consumo. Deste modo pode-se aludir que as estratégias de enfrentamento da morte na contemporaneidade são imaginárias (na medida em que se acredita que pode afastá-la) e reais (pelas práticas realizáveis com o corpo).

Palavras-chave: morte, corpo, consumo

ABSTRACT: The body as it is shown weak time and the disease is perceived as an object to be manipulated to strengthen and become more resistant fatalities. To keep it

as long as possible and in good condition is used all the methods that science and technology can provide for uses ranging from vitamins to plastic surgery. These practices transformed the body into a promoter of consumption. Thus it may be mentioned that the coping strategies of death are imaginary in contemporary (to the extent that it believes it can push it away) and real (for practical achievable with the body).

KEYWORDS: death, body, consumption

INTRODUÇÃO

... os homens produziram e continuam a produzir uma imensa variedades de representações em torno de sua morte e da dos outros.

José Carlos Rodrigues

1983

Várias são as suposições, as indagações e as doutrinas quando a questão é pensar algo além da morte, porém, a certeza da morte, própria e dos outros, permanece. Para José Carlos Rodrigues, a morte é o “evento derradeiro, cujo peso de acontecimento não pode ser negado, mesmo que se lhe negue o valor de aniquilamento.” (RODRIGUES, 1983, p. 17)

É inerente à condição humana o questionamento da finitude que a morte pode representar, do mesmo modo, pensamos se a morte realmente significa o fim ou se há a possibilidade de outra existência.

Philippe Ariès argumenta que, a despeito da nossa certeza e nosso receio, estamos afastando a morte do nosso cotidiano. Para o autor:

... a sociedade expulsou a morte, excepto a dos homens de Estado. Nada avisa já na cidade que se passou qualquer coisa: o antigo carro mortuário negro e prateado tornou-se uma banal limosina cinzenta,

imperceptível na vaga da circulação.

A sociedade deixa de fazer pausas: o desaparecimento de um indivíduo já não afecta a sua continuidade. Tudo se passa na cidade como se já ninguém morresse. (ARIÈS,1977, p.310)

Essa negatividade da morte pode ter como uma das causas o fato da ciência biológica estar tomando lugar das religiões, explicando a morte de forma racional e física, desconsiderando a possibilidade de um porvir. Ariès (1997) demonstra como se deu a passagem de uma morte que possuía uma celebração pública para uma morte privada, onde ela parece só ser ritualizada pelos entes queridos e assim mesmo de maneira retraída.

Para o autor, a morte passa a ser percebida como algo feio e, portanto deve-se manter-se às margens da vida cotidiana. O hospital vai se tornando o seu lugar, pois é lá que está o aparato de manutenção da vida e as pessoas que conseguem vivenciar esse espetáculo degradante do ser humano. Tenta-se, sobretudo, domesticar a morte, dando-lhe uma explicação, uma plausibilidade e um local de destino.

Na contemporaneidade ocidental, a morte está sendo conjugada como antônimo de saúde o que tem levado o corpo a ser percebido como consumidor de saúde, consumidor no sentido de exauri-la, mas também como comprador de uma saúde mercantilizada em objetos e em serviços, sejam frascos de vitaminas sejam massagens terapêuticas.

A vida do corpo, pensa-se, só pode ser mantida – em boa e duradoura forma – com o consumo de inúmeras práticas, tanto médicas, dietéticas, atléticas, incluindo o consumo de práticas estéticas. Estas últimas funcionam como elemento que distancia a morte, ao menos simbolicamente, já que o medo da doença traz o desejo de seu oposto, senão a saúde, a aparência saudável, expressão abundante na publicidade.

Compreendendo as técnicas corporais como fato social total, como o proposto por Mauss (1984), recorreremos à interdisciplinaridade e, nessa conjuntura, propomos uma reflexão sobre a corporeidade contemporânea, polissêmica que é, a partir das práticas de consumo e suas relações com a manutenção da saúde e o desejado

afastamento da morte – seja ela real, seja simbólica.

Morte: um produto social

Entre muitas criaturas que morrem na Terra, a morte constitui um problema só para os seres humanos. Embora compartilhem o nascimento, a doença, a juventude, a maturidade, a velhice e a morte com os animais, apenas eles, dentre todos os vivos, sabem que morrerão; apenas eles podem prever o próprio fim, estando cientes de que pode ocorrer a qualquer momento e tomando precauções especiais – como indivíduos e como grupos – para proteger-se contra a ameaça de aniquilação.

Norbert Elias

2001

Morte é uma palavra de origem latina *mors*¹, que significa o fim da vida, seja ela animal ou vegetal. Quando se refere especificamente aos seres humanos diz-se que a pessoa que morreu veio a óbito ou faleceu. No mais das vezes, utilizam-se expressões como passagem, passamento, descanso, desencarne ou recolhido pelo senhor, que refletem a concepção religiosa de quem as utiliza, já não se pensando apenas no fenômeno das mudanças físico-biológica do corpo, mas em uma possibilidade de existência pós-morte.

A pessoa morta perde o nome e a essência, passa a ser chamada apenas de corpo, sendo corpo a oposição do sujeito que o possuía. Por isso, em funerais, diz-se que o corpo foi velado e não a pessoa morta.

Várias são as suposições, as indagações e as doutrinas quando a questão é pensar algo além da morte, prevalecendo a unicidade na certeza da própria morte.

A nossa condição de seres pensantes leva-nos a questionar a morte enquanto finitude ou enquanto a possibilidade de outra existência. As respostas encontradas parecem ter um denominador comum: a recusa de se acreditar no fim, o que demonstra que não estamos preparados para o que a morte em uma de suas instâncias representa, a nossa eliminação do mundo que conhecemos ou julgamos conhecer. Trata-se ainda de

¹ Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa Ilustrado. Fernandes Soares. S/D.

algo mais profundo. Como seres pensantes, sabemos-nos cartesianamente existentes e nossa dificuldade é, pois, pensar a não-existência, uma contradição nos próprios termos. Como poderia o eu, que pensa logo existe, pensar em não existir? Eis o desafio colocado pela morte e a consequente crença em uma existência além da própria existência.

Para Jean Delumeau (2009), o homem, devido a sua racionalidade, é o único ser a conhecer o medo em um grau elevadíssimo, pois tem ciência da sua finitude. O autor parte do princípio que há uma diferenciação entre o medo e a angústia, ambos como reflexos de um espelho invertido, sendo o primeiro referente aos sentimentos de temor, espanto, pavor e horror a algo conhecido, e, o segundo, referente à inquietação, à ansiedade e à melancolia do desconhecido. Haveria um limítrofe muito pequeno entre estes dois sentimentos, tanto é que na linguagem corrente passam por sinônimos.

Neste contexto, situa-se o indivíduo ocidental hoje, entre as certezas das previsões meteorológicas e os diagnósticos possibilitados pelas tecnologias e o medo da morte junto da angústia de um mundo desencantado pela racionalidade científica, em resumo: sem cruz nem caldeirinha, o medo da morte em si e angústia por não saber se tudo termina com ela ou se há algo além.

Rodrigues (1983) caminha na história demonstrando as concepções e estratégias utilizadas no enfrentamento da morte, cujo um dos símbolos é a caveira, uma vez que a cabeça é a sede das faculdades interacionais mais importantes, como o pensamento, a visão, o olfato, a audição e a linguagem, o que gostaríamos de preservar na morte, o que, em suma, nos identifica como humanos e como nós mesmos.

Durante o primeiro milênio da era cristã, a morte foi entendida como um sono profundo, uma espécie de suspensão temporária da existência à espera da ressurreição. A concepção de uma vida no além começa a mudar a partir do século XII, adquirindo um aspecto de separação entre o corpo mortal e a alma eterna e personalizada, impondo-se o tema do Juízo Final no interior da pregação eclesiástica. Entre os séculos XIII e XVI os homens temem, com grande horror, o inferno e a decomposição. Essa época de temor e incertezas perante a morte tem também um sentimento em contrapartida, que é o amor

extremado pela vida.

O homem desta época é profundamente consciente da morte, pensa nela todo o tempo, reconhece toda a sua importância, mas ao mesmo tempo sente nela um envenenamento de sua existência, uma ruptura com as coisas de que gosta. A cena da morte é teatralização da passagem, é julgamento da vida, é consciência dela, mas é também representação intertextual do apego e do amor à existência no aqui. (RODRIGUES: 1983, 135)

No século XVII, a espiritualidade começa a apontar para indagações sobre os componentes espirituais e a concretude carnal, originando discursos contraditórios, uns valorizando a alma, outros o corpo. Os corpos começam a ser abertos e estudados.

A separação do corpo e da alma faz o corpo em si perder dignidade e o cadáver qualquer importância. Com a atenção voltada para a alma, o corpo já não merece tratamentos especiais, podendo ser aberto e estudado para fins científicos. Inicia-se assim, a medicalização da morte e conseqüentemente a luta contra a morte.

A morte antiga, diante da nova medicina, começa a deixar de existir: os desígnios de Deus, a força vital, são progressivamente substituídos pelas 'doenças mortais', por uma multiplicidade de causas específicas que se transformam nos novos responsáveis pelos falecimentos. A morte foi deposta. Agora, diversas mortes começam a imperar, cada uma delas mais ou menos passível de ter sua causa específica dominada pelo saber médico. (RODRIGUES, 1983, p. 158)

No século XVIII, os interesses médicos estão direcionados para a doença, em casos em que o indivíduo é considerado apenas como portador de uma patologia qualquer. As mortes agora passam a ter causas específicas e não mais apenas desígnios de Deus.

Nos séculos seguintes, o controle da morte vai se transformando em "objeto e objetivo de ciência e os homens passaram a exigir desta o que esperavam antes da magia e da religião." (RODRIGUES, 1983, p. 190)

Deste modo chega-se a contemporaneidade, época em que tudo parece instável, o que ontem era hoje já não é mais. A mudança rápida impossibilita qualquer apego, as

ideias renovam-se quase que instantaneamente e uma estratégia está se mostrando corrente no Ocidente: a utilização de técnicas no corpo como prática possível de adiar a morte. Queremos dizer que o corpo está sendo manufaturado por inúmeras práticas e acaba sendo percebido como um objeto que, ao ser manipulado, torna-se mais forte e conseqüentemente mais resistentes às fatalidades.

A objetivação do corpo

A morte está sendo conjugada como antônimo de saúde, ela seria a não-saúde levada ao extremo. A busca pela saúde, real ou aparente, aparece como um jeito de afastar a morte, ainda que de modo restrito ao simbólico. Iludimo-nos achando que a morte nos livra da morte, como se fosse impossível um corpo saudável morrer, mas se morre, se não de acidentes, velhos saudáveis morrem de velhice que, cada vez mais, vem sendo confundida com doença crônica. A juventude fabricada – e comprada - seria seu remédio.

Para Le Breton (2003), a “utopia da saúde” implica em uma utopia do corpo. Se a ciência demonstrou a fragilidade do corpo, a tecnociência apresenta possibilidades de corrigi-lo.

Já para Zigmunt Bauman, “como qualquer outra coisa, os modernos humanos são objetos tecnológicos. Como qualquer outra coisa, foram analisados (separados em fragmentos) e depois sintetizados de novas maneiras (como arranjos ou meras coleções de fragmentos)” (BAUMAN, 1997, p.223). A coisificação do corpo responde à interpretação histórica que designava, ao longo dos séculos, a supremacia da mente sobre a carne.

Appadurai propõe que a “situação mercantil na vida social de qualquer ‘coisa’ seja definida como a situação em que sua trocabilidade (passada, presente ou futura) por alguma outra coisa constitui seu traço social relevante. (APPADURAI, 2008, p.7). A mercantilização seria o resultado da intersecção de fatores temporais, culturais e sociais. No caso do corpo, entendemos que a troca resultaria para um dos lados o recebimento monetário (prestador de serviços) e para o outro, a realização de um desejo

(manutenção da saúde e/ou embelezamento). Para ambos envolvidos, o corpo é tratado como um consumidor específico, tanto de práticas e serviços quanto de produtos ao ponto do próprio corpo ser tomado por um objeto, que pode ser manipulado, fabricado em série, torneado, transplantado, bronzado, acrescido e diminuído, fatiado, costurado, pintado, esculpido etc.

Para Baudrillard:

Sem dúvida os objetos desempenham um papel regulador na vida cotidiana, neles são abolidos muitas neuroses, anuladas muitas tensões e aflições, é isto que lhe dá uma 'alma', é isto o que os torna 'nossos', mas é também isto que faz deles o cenário de uma mitologia tenaz, cenário ideal de um equilíbrio neurótico. (BAUDRILLARD, 2002, p 98)

Para Simmel, 'chamamos de valiosos aqueles objetos que opõem resistência a nosso desejo de possuí-lo' (SIMMEL apud APPADURAI, 2008, p.15). O corpo humano, em sua natural degenerescência da maturidade, na medida em se opõe ao nosso desejo de mantê-lo jovem e saudável, torna-se então potencialmente valorizado. Apesar de ser o tabernáculo do que mais nos importa (a nossa vida) se mostra frágil diante do tempo e da natureza, que o envelhece e lhe causam doenças, caminhos que direcionam à morte.

Adiando a morte

Aparentemente tem-se a noção de que a preocupação está voltada para a imagem estética do corpo, com a finalidade de acompanhar as exigências de uma sociedade panótipa onde a aparência se mostra primordial. Esse pressuposto é tão forte que Slavoj Zizek diz que, atualmente, "a ansiedade surge perante a perspectiva de não estar exposto em permanência ao olhar do Outro. O sujeito precisa do olhar da câmara como uma espécie de garantia ontológica de sua existência..." (ZIZEK, 2009, p. 87)

Além da questão apontada pelo autor, podemos entender que se funde ao olhar onipresente a existência tão ou mais importante do nosso próprio olhar.

A Imagem que o espelho nos reflete é a realidade que acreditamos estar vivendo. Se ela é ao menos saudável, é sinal que estamos em boas condições e temos muitos anos de vida, isso porque partimos da premissa de que a vida é representada pela beleza, juventude, saúde e alegria. Em contrapartida a morte é representada pela feiúra, velhice, doença e tristeza. Por vezes, nosso diagnóstico sobre nossa própria condição ilude-nos, pois achamos que nos basta a aparência saudável, sintoma que acreditamos inequívoco da nossa desejada longevidade. Inúmeros potes de *blush* são vendidos para dar cor saudável às faces, assim como inúmeros produtos capilares prometem, não a saúde, mas a aparência de cabelos saudáveis.

Para Norbert Elias, uma das fraquezas nas sociedades mais avançadas é o distanciamento mesmo que não intencional dos velhos e dos moribundos, pois eles representam a proximidade da morte. Não seria a morte propriamente dita o problema, mas sim o seu conhecimento. “A visão de uma pessoa moribunda abala as fantasias defensivas que as pessoas constroem como uma muralha contra a idéia de sua própria morte.” (ELIAS, 2001, p.17)

Um bom exemplo são as cirurgias estéticas, que revelam a intenção de se ser aceito socialmente por parecer mais belo e jovem, é também uma possibilidade de afastamento da morte, uma vez que, creditando na velhice proximidade da morte, creditamos na juventude a possibilidade de um distanciamento razoável.

O corpo então por ser suporte da nossa vida torna-se um objeto tanto valorizado como desvalorizado. Valorizado na medida em que tomamos todas as medidas ao nosso alcance para torná-lo mais resistente, transformando-o então em um objeto que possibilita a realização de negociações mercantis. É desvalorizado quando em nome desse fortalecimento o manuseamos de todas as formas possíveis. Le Breton nos diz que:

No discurso científico contemporâneo, o corpo é pensado como uma matéria indiferente, simples suporte da pessoa. Ontologicamente distinto do sujeito, torna-se um objeto à disposição sobre o qual agir a fim de melhorá-lo, uma matéria-prima na qual se dilui a identidade pessoal, e não mais uma raiz de identidade do homem. (LE BRETON, 2003, p.15)

O autor permite pensarmos que, nesta busca de melhorar e adiar a morte, estamos ultrapassando limites, indo em direção de uma mecanização do corpo, de uma virtualização das relações, podendo chegar a não ter mais fronteiras entre humanidade e máquina. Em casos extremos, ele percebe que caminhamos para uma concepção de corpo percebido como a própria doença, por isso um rascunho que deve ser corrigido. Essa desvalorização do corpo é em vista de que o estaríamos comparando com a máquina. Isso nos leva a questionar o porquê comparar duas naturezas tão distintas. A resposta encontra-se no próprio questionamento: “O prazer e a dor são atributos da carne, implicam o risco da morte e da simbólica social. A máquina é igual, fixa, nada sente porque escapa à morte e ao simbólico.” (LE BRETON, 2003, p.19)

Corpo possibilitando negociações

Na vida social, o que se percebe é que com o discurso de tornar o corpo mais forte e resistente ao tempo e as doenças, o transformaram em um objeto manipulável mas, mais que isso, também em um consumidor voraz.

No entrecruzamento dos vetores que permitem essa interpretação, vemos a relação conexa de três termos: desejo x dinheiro x corpo.

1. O desejo tem como motivador os discursos sociais nos quais aludem que a beleza deve ser cultivada, a saúde priorizada, o bem estar pensado. O que dá autenticidade e sustentabilidade a esses discursos é o entendimento da nossa inevitável finitude. A morte é percebida como um inimigo que espreita a todo o momento, por isso não se deve abaixar à guarda, afastando tudo àquilo que pode provocá-la.

2. O dinheiro é o pagamento pelos serviços, que podem ser para o cirurgião plástico, para a academia, para o personal trainer, para o esteticista etc. Esses profissionais, apresentando-se como os “cuidadores da saúde”, são os responsáveis pela concretização dos desejos e valorizam seus serviços quantitativamente. Assim, “foi o desejo, nesse caso partilhado por muitas outras pessoas, que, em primeiro lugar, deu

vida a esses objetos, os produziu, como dizem os fabricantes, simplesmente para ‘satisfazer a demanda’”. (CAMPBELL, 2006, p.59)

3. Fechando a conexão está o corpo, é ele que é manuseado, que fica a mercê das práticas para realização dos desejos idealizados pelos pagantes. A valoração destes difere da dos “cuidadores da saúde”, é qualitativo (estão a procura de uma melhoria na aparência e conseqüentemente da saúde).

O contemporâneo ocidental e algumas de suas subjetividades

A corrida contra o tempo presente na contemporaneidade em que se reina a pressa, o que representa a vida, e os avanços tecnológicos e científicos parecem ser bons aliados. Faz-se academia para manter o corpo saudável, investe-se em entretenimento e lazer, toma-se remédios contra estresse e depressão, inúmeras drogas e vitaminas prometem manter a saúde e a juventude, faz-se intervenções para recuperar uma juventude passada retirando as marcas de expressões e da própria vida que expressam. Preocupa-se com a estética, pois ela é abriria todas as portas. Para constatar isso, basta uma olhada nos quadros de transformação estética presentes em quase a totalidade dos programas populares da TV aberta.

Para Mary Douglas (2009), o consumo seria um sistema de significação que supre a necessidade simbólica, levando-nos a fortalecer o entendimento de que o consumo é uma categoria que possibilita entendermos a sociedade contemporânea.

Para Lipovetsky, em sua obra *Felicidade Paradoxal*, os sistemas de representação estão tornando objetos de consumo e a moda reestruturada pelas técnicas do efêmero é o que sacraliza a felicidade. Esse autor acredita que já teríamos ultrapassados a pós modernidade e estaríamos na era da hipermodernidade, que se caracteriza pelo hiperconsumo e hipernarcisismo. Esse novo modo de vida, seria constituído por tendências contraditórias, em que os indivíduos, apesar de terem uma preocupação

exacerbada com a saúde, também é o que apresenta diversas patologias, onde há ordem e desordem, a independência e a dependência subjetiva. Assim, a hipermodernidade seria uma temporalidade futurista, na qual se predomina a insegurança e a medicalização da existência. A moral que predomina é a da preocupação com o amanhã e o depois-de-amanhã, onde os indivíduos se mostram voláteis, desestabilizados. Sendo assombrados pelos vírus e pela passagem do tempo, esse indivíduo tem sua preocupação voltada para a manutenção da juventude.

A busca de identidade e significado em Campbell (2006), o hiperconsumo e o hipernarcisismo em Lipovetsky (2007), leva-nos a perceber o indivíduo contemporâneo como um ser complexo que tem no consumo uma forma de enfrentar seus dilemas, como é o caso da morte. O consumo então pode ser percebido como algo carregado de significados, sua forma uma possibilidade de conhecer a sociedade, que na efemeridade demonstra sua subjetividade.

Além das aparências...

Através de uma análise bibliográfica, Claudia Barcellos Rezende e Maria Claudia Coelho, na obra *Antropologia das emoções* (2010), percebem que uma das características do indivíduo contemporâneo das sociedades complexas é o de se autorregular, exigência de uma sociedade que vigia e orienta principalmente através das mídias. O objetivo das autoras é demonstrar que os sentimentos não são opostos a racionalidade como muitos acreditam, pois eles fazem parte da gramática social.

Em relação ao medo, um dos pontos que direcionam este trabalho, percebemos que a essência inerente aos seres humanos referida pelas autoras “pode ser relacionada ao fato de que todas as sociedades e os indivíduos que as compõem lidam com ameaças a uma estrutura física e social que é construída”. (REZENDE, COELHO, 2010, p.36)

Pensa-se que o interesse pela beleza é algo estético, superficial, apenas uma inspiração de uma sociedade consumista. As observações que realizamos apontam que a

busca pela beleza aliada a manutenção da juventude tem também o desejo de manter a morte afastada, além, obviamente, de servir à reprodução social por meio do controle das funções corporais e dos códigos de beleza. O corpo representa, sobretudo, uma conformação cultural e, se sua forma é inconforme ou inconformada, a reação a ela manifestar-se-á impiedosamente.

Como tempo e as doenças são os maiores inimigos do corpo, combate-os de todas as formas possíveis. Combater esses inimigos apresenta, simultaneamente, uma solução imaginária e real ao mesmo tempo.

Imaginária porque tem como base o nosso credo na possibilidade de estarmos enganando a morte, nem que temporariamente. Real porque se baseia em práticas realizáveis com o corpo através das ferramentas propiciadas pela ciência e pela tecnologia.

Nossas preocupações com a saúde revelam uma preocupação com a morte, o que ocorre é apenas uma inversão de concepções. Essa inversão levou olhar o corpo como um objeto em que nossa “existência” se apóia. Ainda não podemos prescindir do corpo para existirmos, apesar das tentativas de abandonar o corpo para ser só essência, cujo exemplo contemporâneo extremo seriam os *raelianos*, descritos por Le Breton (op. cit.).

Para manter o corpo por mais tempo possível e em boas condições, utiliza-se todos os métodos que a ciência e a tecnologia proporcionam, assim, o corpo metaforicamente falando, tornou-se um incentivador do consumo. Obviamente, nem todos podem ter acesso aos produtos que lhe são destinados, tendo, sobretudo, diferenças sociais que determinam a forma e a possibilidade de obtê-los.

BIBLIOGRAFIA

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Tradução de Agatha Bacelar. Niterói: Editora da universidade Federal Fluminense, 2008.

ARIÈS, Philippe. **O homem perante a morte II**. Portugal: Publicações Europa-

América. LDA, Edição 106048/4647.

BARBOSA, Livia & CAMPBELL, Colin (org.) **O Estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas**. In. Cultura, consumo e identidade. Rio de Janeiro: Editora PGV, 2006.

BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos**. Tradução Zulmira Tavares. São Paulo: perspectiva, 202.

BAUMAM, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.

CAMPBELL, Barbosa. **Eu compro, logo sei que existo**: as bases metafísicas do consumo moderno. In. Cultura, consumo e identidade. Organizadores Livia Barbosa e Colin Campbell. Rio de Janeiro: Editora PGV, 2006.

DELEMEAU, Jean. **História do medo no ocidente**. 1300-1800: uma cidade sitiada. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

DOUGLAS, Mary. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: Antropologia e sociedade. Campinas: Papius, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

MAUSS, Marcel. **As técnicas corporais**. In. Sociologia e antropologia. São Paulo: EPU/EDUSP, 1984.

REZENDE, Caludia Barcelos & COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Achiamé Fernandes, 1983.

ZIZEK, Slavoj. **Lacrimae rerum**. Tradução de Isa Tavares e Ricardo Gozzi. São Paulo: Boitempo, 2009.